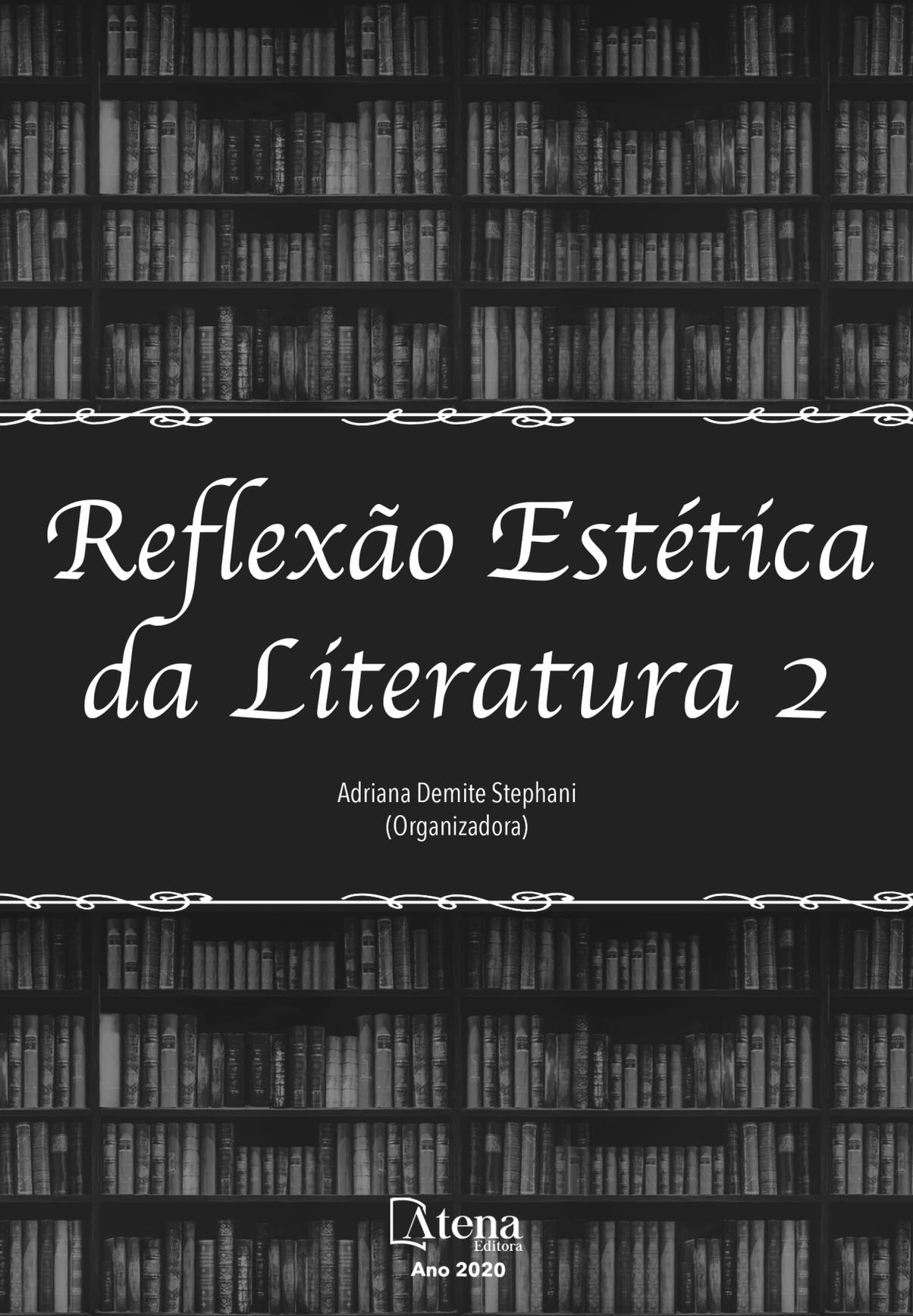


*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA *NEIGHBOURS* DE LÍLIA MOMPLÉ

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Rosilda Alves Bezerra

Lorraine Sobral Correia de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.8942026101

CAPÍTULO 2..... 14

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.8942026102

CAPÍTULO 3..... 20

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM *O RETRATO DO REI*, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia

DOI 10.22533/at.ed.8942026103

CAPÍTULO 4..... 32

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

João Batista Cardoso

Vera Lúcia da Rocha Maquêa

DOI 10.22533/at.ed.8942026104

CAPÍTULO 5..... 43

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

DOI 10.22533/at.ed.8942026105

CAPÍTULO 6..... 64

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8942026106

CAPÍTULO 7..... 74

O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: *A VIUVINHA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *A ABELHA* – VERDADE E CARIDADE

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

DOI 10.22533/at.ed.8942026107

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

CAPÍTULO 17

LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 21/07/2020

Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Rondônia - IFRO
Vilhena – RO
<http://lattes.cnpq.br/4626126312143972>

RESUMO: Tratar de constituição da lírica é pensar sobre as formas de subjetividades que essa lírica assume em seu tempo e seu espaço. Apresentamos proposta de discussão sobre o lugar de onde fala a lírica de Hilda Hilst em “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”, do ponto de vista da interlocução entre um “eu” e um “tu” fictícios. Na constituição dessa obra está posto um eu lírico, cuja voz é a espera e o suposto lamento pela ausência do amado, seu interlocutor. Para tanto, é possível pensar sobre a dialética tensiva entre as vozes, descritas no ensaio *As três vozes da poesia*. (1972), de T.S. Eliot: a voz do poeta que fala de si mesmo, a que se manifesta diante de um público e a que tenta criar uma personagem dramática que dialoga com outros seres imaginários.

PALAVRAS - CHAVE: Lírica; Interlocução; Voz; Hilda Hilst.

LYRIC AND INTERLOCUTION IN HILDA HILST

ABSTRACT: Talk about the lyrical constitution is to think about the forms of subjectivities that lyrical assumes in its time and space. We present a proposal for discussions about the place from which Hilda Hilst’s lyric speaks in “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”, from the point of view of the dialogue between a poetic subject and a poetic second person speech. In the constitution of this poetic work there is a lyrical self, whose voice is waiting and the supposed lament for the absence of the beloved, his interlocutor. For that, it is possible to think about the tension dialectic between the voices, described in the essay “As três vozes da poesia”. (1972), by T.S. Eliot: the voice of the poet who speaks of himself, that manifests itself to public and the one who create a dramatic character who dialogues with other imaginary beings.

KEYWORDS: Lyric; Interlocution; Poetic voice; Hilda Hilst.

[...]

“A ideia, Túlio, essa ilha escondida

É límpida, encantada, se faz prata

Vive através de ti. Por isso brilha.”

(HILST, 2003, p. 54)

Toda poesia compreende um movimento relacional, no qual sempre haverá um eu que se dirige a um interlocutor, seja ele o leitor, ou um outro, ficcionalizado pelo eu poético. Os versos da epígrafe performatizam um tipo de procedimento caro à lírica de Hilst, no que se refere a uma voz que canta e deseja ser ouvida, e a um interlocutor criado de modo eloquente, em presença/ausência. Nele se constitui o centro do processo de criação de Hilst, como no verso: “Vive através de ti. Por isso brilha.” A lírica empreende certo tipo de comunicação poética por meio do interlocutor, imbricada numa enunciação pressuposta por um enunciado em que o eu e o tu numa relação de reciprocidade.

Na contemporaneidade, a poesia está ligada não mais à representação pura e simples da ideia de sublime, centrada num “eu” que disserta sobre seus sentimentos em profundidade. A lírica de hoje requer, muito mais do que a lírica tradicional¹, um interlocutor que participe de sua criação. Celia Pedrosa, na apresentação ao livro “Subjetividades em devir”, aponta que a experiência moderna de subjetividade é um efeito daquilo que se pensa heteronômico, em que “se desestabilizam as fronteiras do subjetivo e do objetivo, do racional e do afetivo, do interior e do exterior, do individual e do coletivo, do privado e do público, de modo a propor possibilidades novas de compreensão” (2008, p. 8).

Essa relação tensiva é uma das heranças deixadas pela poesia lírica da modernidade do final do século XIX e início do século XX: a comunicação poética possui algo de indigesto e faz o leitor “em estado de choque”, expressão utilizada por Hugo Friedrich em seu livro *Estrutura da lírica moderna* (1991), pensar sobre a intimidade comunicativa.

T. S. Eliot no ensaio *As três vozes da poesia* (1972) afirma que há três vozes na poesia moderna: a voz do poeta que fala de si para si mesmo, a que se dirige a um auditório e a que incorpora uma personagem dramática e dialoga com outros seres ficcionais. Na primeira voz, o eu lírico volta para dentro de si e apenas fala de si, e para si, sem se importar em ser ouvido. O próprio teórico problematiza a questão: um poema, mesmo escrito para um único destinatário, se isso é possível, pode também ser dirigido a um ou mais interlocutores. Os poemas de primeira voz, segundo o autor, são aqueles considerados não dramáticos, ou seja, são os que falam com a própria voz, “como esta soa quando se lê para si mesmo, constitui disso a prova, pois é o próprio autor falando. O problema da comunicação, daquilo que o leitor extrairá do verso, não é o mais importante...” (ELIOT, 1972, p. 134). A primeira voz de que fala Eliot não pressupõe um público porque não se reveste de um personagem dramático para falar de si, e por isso, não tem o propósito de comunicação. Isso virá naturalmente, porque a comunicação é uma função intrínseca à poesia, mesmo quando fala para si ou não quer comunicar nada em particular.

Na segunda voz descrita pelo autor do ensaio, o poeta fala de si e se dirige para um auditório; logo, pressupõe a presença de um tipo de interlocutor com o qual possa se

¹ Referimo-nos, com o termo tradicional, à lírica primeira, aquela que desde Safo era cantada e inspirava prostração do ouvinte.

fazer ouvir. É chamada de voz “quase dramática”, porque incorpora um personagem num monólogo dramático. Na terceira voz o poeta também se transforma em personagem e a partir dele fala para um público personificado em outro personagem, um público com o qual tenta criar um elo interlocutivo. É uma voz que não fala por si, mas pela voz de um personagem que se dirige a outro ser ficcional. Desse modo, Eliot denomina essa terceira voz de dramática, por conter os elementos de uma peça de teatro.

As três maneiras didáticas de classificação das vozes poéticas, feitas por Eliot, não se fecham em si, não são vistas separadamente. Dessa forma, o processo de criação da voz poética sempre utilizará, conforme afirma o crítico, a junção e o fluxo entre as três vozes. No caso da poesia de Hilst, a presença de um público encerra sempre uma forma de diálogo com um interlocutor, seja ele um leitor, um personagem ou até as formas tradicionais de poesia.

Nos poemas contidos em “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio”, que se encontra no livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, publicado em 1974, vemos que a voz lírica de Hilst fala através de um eu fictício, Ariana, a um outro também fictício, Dionísio, e, neste caso, diz para esse outro o que diria para si mesmo. “Porque te amo, Dionísio/É que me faço assim tão simultânea” (HILST, 2003, p. 62). Assim, a constituição da obra hilstiana transita por questões da existência humana e da própria existência poética, apresentando um eu lírico, cuja voz, ao falar de si também encena outras vozes.

É perceptível, em *Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio*, o fluxo dessas vozes, que se constitui como forma e se conforma em elemento de tensão entre poeta e público. Alguns tipos de interlocução são possíveis nesta parte do livro, já pela escolha, no título, da palavra “ode”. A construção do título “Ode descontínua e remota...” tem uma carga de significação que alimenta o processo de diálogo harmônico, de continuidade, e desarmônico, de ruptura com o passado remoto, pela seleção dos temas e motivos presentes nos seus versos. A seção² “Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio” composta por 10 partes/poemas, configura-se como um único poema; basta ver no título a palavra “ode” no singular. É importante reiterarmos que a origem da forma “ode” vem do grego *oidé*, semelhante à palavra *hino*. Refere-se a um poema lírico destinado ao canto.

Normalmente, as odes também adquiriam a forma coral e eram criadas para exaltar, em tom solene, algum acontecimento ou alguma personalidade, com versos em tom alegre. Contudo, os adjetivos dados à Ode³ hilstiana, “descontínua e remota”, não são nada eufóricos; o adjetivo “descontínua” nega também o canto alegre e entusiástico, próprio das formas das odes; “remota” alude à consciência do tempo, uma visitação às formas, guiada por uma memória “remota”, mas foge à pura e simples imitação dessas formas, pois não

² Denomino seção cada parte do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*.

³ Será utilizada esta nomenclatura, com inicial maiúscula, para o título *Ode descontínua e remota para flauta e oboé: De Ariana para Dionísio*.

adere a elas, e sim, mantém com elas um diálogo “nervoso” de aproximação e afastamento, que se desmancha na estrutura do poema. Em vez de instrumentos de corda, (lira ou harpa), a Ode hilstiana prefere os de sopro (flauta e oboé). É importante ressaltar, estes são instrumentos que emitem sons agudos, ao mesmo tempo suaves e doces. A flauta, por exemplo, é um instrumento musical primitivo usado para acompanhar os rituais místicos e religiosos.

Assim, esta seção do livro prepara o leitor para o que vem a ser a voz lírica de Hilst em sua obra, sobretudo na Ode. Essa voz é apresentada como uma espécie de fusão das três vozes das quais fala Eliot, porque ela se comunica consigo mesma e, ao mesmo tempo, dirige-se a um ser fictício a quem nomeia Dionísio, configurado como ouvinte, isto é, um suposto público. Contudo, esta voz nunca esquece de si. Há uma voz que fala da solidão em tom lamurioso, pela falta de um amado distante, e outra que se reinventa e se preocupa com o devir de seus versos, ou seja, com a falta de público. A voz personificada por Ariana – personagem mitológica, representa solidão e abandono – remete ao outro ausente, Dionísio, entidade divina e também mitológica, que salva Ariana da solidão.⁴ Esses mitos, na figuração amado/amante, são representação de vozes reconfiguradas por Hilst no seu discurso, com o intuito de constituir sua palavra poética.

É possível, por meio dessas vozes, delinear alguns lugares pelos quais a poesia de Hilst transita, para beber em suas fontes e depois transgredi-las. E isso é feito em sua poesia por um movimento de curto-circuito entre o tempo presente da obra e a tradição literária, como a dos românticos e de outras épocas e estilos. O espírito romântico pressupõe uma visão de mundo, cujo centro é o eu que, pela sua emoção, propõe-se a retratar o amor como drama humano. Na poesia de Hilst, de forma controversa, vemos uma pista que encaminha para essa constatação: o fato de referir-se ao amor e as suas relações conflituosas de uma forma peculiar, na qual o eu lírico busca, no interlocutor, uma forma de ser ouvido. Essa forma, aparentemente delineada, configura-se na negação da presença do interlocutor.

Vejamos como as questões acima citadas se configuram na primeira parte da Ode:

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.

Voz e vento apenas

Das coisas do lá fora

E sozinha supor

Que se estivesses dentro

⁴ Ao longo dos séculos, a história da princesa cretense foi tratada de modo diverso; porém, todos insistiram no tema da mulher seduzida e abandonada. Para alguns (Boccaccio), Teseu a teria abandonado porque estaria interessado em Fedra, outra filha de Minos, e, além disso, porque Ariadne em Naxos teria se embriagado e caído num sono profundo. A história da princesa também foi parar na literatura, na poesia (Corneille, Victor Hugo, Nikos Kazantzakis, Marguerite Yourcenar etc.), nas artes plásticas (Guido, Tiepolo e outros), na escultura (J.Dennecker).Disponível em: <http://cidmarcus.blogspot.com.br/2011/10/teseu-ariadne-e-dioniso.html> acesso em 20 março de 2013.

Essa voz importante e esse vento
Das ramagens de fora
Eu jamais ouviria. Atento
Meu ouvido escutaria
O sumo do teu canto. Que não venhas, Dionísio.
Porque é melhor sonhar tua rudeza
E server reconquista a cada noite
Pensando: amanhã sim, virá.
E o tempo de amanhã será riqueza:
A cada noite, eu Ariana, preparando
Aroma e corpo. E o verso a cada noite
Se fazendo de tua sábia ausência.
(HILST, 2003, p. 59)

O verso propõe pistas de que há uma grande expectativa de o sujeito lírico, revestido de Ariana, ter a necessidade de exaltar a presença de Dionísio, pela sua ausência. A afirmativa é reforçada no terceiro verso da última estrofe “[...] que não venhas, Dionísio”. O estado de espera de Ariana e os preparativos para a vinda de Dionísio colocam em tensão a construção do texto, cuja elaboração se fixa pela “sábia ausência” de Dionísio. A ideia da “sábia ausência” é percebida pelo corpo material da linguagem escolhida e pela sua constituição que se intensifica no decorrer do poema.

Há, no segundo verso, uma associação estabelecida entre o som da voz e do vento, marcado pela aliteração da consoante “v”⁵, sonorizando o segundo verso da primeira estrofe e o primeiro verso da terceira estrofe. Essa combinação de palavras demonstra a consciência da passagem do tempo e metaforiza a presença de Dionísio feita pelo barulho do vento, que traz e leva o som de sua voz e dá fluência ao movimento de dentro e fora. “Voz e vento apenas/ Das coisas do lá fora”. Nesse caso, o “fora” potencializa os versos no sentido de tornar possível o “dentro”. Dizendo de outro modo, o “fora” sugere a possibilidade de diálogo com o suposto público, pelo qual o eu lírico cria uma espécie de transitividade entre o eu e o outro. O vento de fora, do qual o eu lírico prefere ouvir apenas a essência, a presença desse outro, Dionísio, fica só na imaginação, na ficção e no movimento de repetir-se: [...] “Que não venhas, Dionísio.” “Porque é melhor sonhar tua rudeza / E server

5 Segundo Nilce Sant’Anna Martins, a consoante “v” como labiodental pode dar a ideia de fluência do verso. (1989, p. 35).

reconquista a cada noite”.

Na terceira estrofe, o primeiro verso mostra uma construção de linguagem que sugere a poesia como canto em essência. Uma voz que serve como motivo para a criação da própria voz poética hilstiana, de elocução contundente com a noção do exterior, captada apenas pelo vento: “Essa voz importante e esse vento / Das ramagens de fora” e que vai tornar-se “sumo do canto”, na quarta estrofe.

No início da quarta estrofe, o jogo entre a percepção, “ouviria”, e a tomada de consciência “escutaria”, propõe a ideia de negação de uma presença do amado, e a necessidade de que a voz venha “de fora” e se torne audível como voz poética, “de dentro”, para, a partir de então, poder entrar em cena a interlocução com Dionísio. A negação expressa pelo advérbio “jamais” é, também, quebrada pelo ponto final: “Eu jamais ouviria. [...]” para em seguida criar um *enjambement*: “[...] Atento / Meu ouvido escutaria/ O sumo do teu canto.” Temos, neste caso, a constituição de uma voz que só se faz audível perante a desagregação do ouvinte em resíduo, de corpo ausente. Esse procedimento propõe o sentido tanto de intensificação incisiva da ideia a ser expressa, quanto de continuidade para chegar ao ponto alto da construção poética desses versos, o que é feito pela ausência de Dionísio.

O jogo entre presença e ausência de Dionísio quer reverberar também a presença e a ausência de um lirismo centrado no “eu” “anímico”⁶, como idealização amorosa, na figura da mulher ideal e fiel, que expressa sofrimento pela não realização do amor, próprio da lírica romântica. No poema de Hilst, estes traços românticos se apresentam apenas como simulacro. Não há a preocupação em consolidar um amor ou expressar uma dor pela falta.

Para melhor elucidar essa proposta de compreensão da lírica hilstiana, nestes versos, do ponto de vista da interlocução, mencionamos o poema “Leito de folhas verdes” de Gonçalves Dias⁷. Só que, ao contrário do poema de Dias, o eu lírico de Hilst, neste poema, não se prende à espera que se prolonga e à angústia crescente pela ausência do amado, como se vê no poema de Dias, porque em Hilst, essa ausência é necessária.

A remissão às formas e motivos no poema de Dias serve para repensar a voz lírica hilstiana. O primeiro verso de cada poema: “Por que tardas, Jatir, que tanto a custo” DIAS, 1998. p. 377-8.) e “É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas”, (HILST, 2003, p. 59) remontam dois tipos diferentes de espera, como motivo de constituição lírica: Jatir e Dionísio são interlocutores imaginados para que o eu lírico mobilize o seu discurso poético. Em Dias, a voz que canta a ausência reforça a necessidade da presença: “Por que tardas, Jatir, [...]” e sofre por ela, porque é submissa a ela; em Hilst, a ausência é necessária: “É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas”. O eu poético de ambos os poemas não

6 Refere-se ao estado de alma, “anímico”, como expressão da alma do poeta. Termo utilizado por *Staiger em Conceitos fundamentais da poética*, (1975).

7 **Leito de Folhas Verdes**, poema do movimento romântico brasileiro, de autoria de **Gonçalves Dias**. O poema ensaja uma declaração de amor, em que predomina a angústia de quem espera. O eu lírico é feminino faz o relato de seus sentimentos e pensamentos, num tempo a princípio cronológico, que começa com a chegada da noite e vai até o amanhecer do outro dia.

ausência, como força motriz. Isso é percebido pela entonação dos versos do poema, cujas formas rítmicas desmancham a expectativa e o lamento. Em Dias, há a expectativa frustrada do sujeito lírico que sofre de amor. No poema de Hilst não há frustração, pelo contrário, no último verso do poema há a consciência do que se faz como afirmação no primeiro verso: “É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas.” [...] “E o verso a cada noite / Se fazendo de tua sábia ausência. Em “Leito de folhas verdes”, o eu lírico tem a consciência do tempo como fator que movimenta o poema, por meio da linearidade temporal, pautado na espera angustiada pelo amado, que desemboca no desenredo de uma paixão, cuja expectativa é frustrada, porque Jatir não vem. Por isso, há um derramamento de tristeza e solidão do eu lírico. Em ambos os poemas, a elocução, mesmo de maneira distinta, é o sentimento e a consciência da elaboração artística por meio da espera do amado.

Na última estrofe do poema hilstiano, o movimento de dentro e fora se intensifica e dá a ideia do exercício contínuo de constituição textual do poema, movido por várias construções que nele aparecem. Uma delas é a sequência de verbos no gerúndio, “pensando, preparando, fazendo”, sempre acompanhados pelo procedimento de enjambement, “[...] preparando / Aroma e corpo. E o verso a cada noite / Se fazendo[...]”. Esses procedimentos dão ritmo ao verso por meio de um movimento repetitivo e circular, de fazer e refazer. O aspecto sonoro do gerúndio também remete à passagem do tempo. Junta-se a esses verbos a combinação “a cada noite”, que se repete por três vezes na última estrofe, completando o movimento cíclico da passagem do tempo.

Outro índice que expressa a ideia do repetir-se em movimento cíclico em torno de si é o substantivo “reconquista”, que reforça o signo da espera e dá importância à ausência de Dionísio como objeto de desejo de construção do poema. A cada ciclo temporal, que no poema refere-se “a cada noite”, o mesmo processo é realizado. O movimento contínuo do verbo “preparando” alimenta a espera da presença que é ausência, como força de constituição lírica.

Observando os dois poemas com atenção, podemos constatar que há uma articulação dos elementos de linguagem dos quais ambos os poemas se utilizam para dar sentido poético aos seus versos. A “espera” como palavra lírica, os preparativos, a movimentação cíclica para a vinda ou não vinda dos seus interlocutores vai sendo construída lentamente, como o “sorver”, gole a gole, até absorver as palavras na forma poética. No quinto verso, do poema de Hilst o verbo “sorver” indica um movimento de absorver a “reconquista todas as noites. “Porque é melhor sonhar tua rudeza / E sorver reconquista a cada noite”. Esses versos reforçam, na lírica hilstiana, o signo da espera e a importância da ausência de Dionísio.

II

Diante de um poema é preciso ter sempre uma atitude de desconfiança porque nele tudo é experiência que pensa de todo modo o ser em conexão discursiva com outros elementos que o constituem. A modernidade instalou uma poesia cujo *status* é verter-se criticamente em relação ao passado, rompendo com os paradigmas até então propostos. A partir dessa ruptura foi preciso que a poesia reinventasse novas formas de chamar a atenção sobre si. Com isso, a constituição da subjetividade tornou-se conflituosa, já que o “eu” lírico passa a ser “sujeito” lírico; a primeira pessoa sai de cena para dar lugar à impessoalidade. A esse respeito, Siscar, 2011, estudo desenvolvido sobre a poesia de Ana Cristina Cesar, afirma que na poesia moderna não cabe a primeira pessoa e que, “na poesia brasileira, a questão voltou a ganhar um caráter decisivo e problemático com a geração de Ana C.[...] ela reagiu à predominância da visão objetiva e artesanal da poesia associada à figura de João Cabral de Melo Neto.” (2011, p. 16).

Esse caráter “problemático” de que fala Siscar é visto como uma das linhas de força em Hilst. Nos versos da segunda parte da Ode há uma forma própria de pensar a arte, por meio de uma voz feminina que transpõe o simples jorrar de sentimentos. A atitude de espera e súplica ao amado ausente não se refere unicamente a um “eu” como centro de reflexão, como no modelo romântico de lírica; a voz do “eu” se faz da atitude reflexiva em relação ao *status* da poesia, que não é só a espera do amante, mas um desejo de ausência e por ele fazer nascer a palavra, o verso: “Antes de ser mulher sou inteira poeta.”

Nenhum artista tem seu significado completo sozinho, é o que retoma Affonso Romano de Sant’Anna no prefácio ao livro *A essência da poesia* de Eliot. (1972, p.22), citando o ensaio “Tradição e talento individual”, do mesmo autor. De acordo com esse pensamento, a poesia, como também as outras artes, sofre, o tempo todo, intervenções de outros discursos que desencadeiam uma rede de reflexões. O ponto culminante dessa dialética lírica demarca, sobretudo, a experiência da intimidade do eu em relação à experiência da poesia. E, por conseguinte, dessa relação se configura uma voz dramática, que se apodera das outras vozes de que fala Eliot no ensaio citado no início do capítulo. Podemos dizer que esse fluxo de vozes permite ouvir não apenas uma, mas várias vozes.

Em júbilo, memória, noviciado da paixão, e sobretudo na Ode, as várias vozes estabelecem um vínculo com o passado remoto e o torna um presente (des)contínuo, que se alimenta, no caso da poesia, da expressão amorosa de um eu para um tu imaginado. Ao buscar na forma ode a inspiração para seus versos, Hilst estabelece interlocução com o sentido primeiro desta forma poemática. O tom alegre e entusiástico, é reinventado em sua própria forma poemática.

Hilda Hilst se achava temerosa em relação a sua obra, porque não era lida do modo que desejava. Havia uma preocupação internalizada em seu discurso a respeito disso que acabava se transformando em poesia, porque a poesia é feita de conexões com seu

público. A experiência com o público, no processo criativo é, também, uma experiência das próprias decepções da poeta frente ao vivido, o que não deixa de ser uma experiência interlocutiva. Marcos Siscar, ao tratar da relação entre poesia e público, afirma que “a obra se comunica com seu público, menos pela transmissão de conteúdos informativos do que pela capacidade que tem de devolver a esse público a imagem daquilo que é (ou poderia ser) sua própria experiência (vivida ou imaginada) dos desequilíbrios do mundo”. (2010, p. 36). Desta forma, a poesia precisa achar um lugar em que se conecte com o público, porque não há poesia que não seja afetada por ele.

III

Retomamos agora os versos da epígrafe, que nos levam para a compreensão da poesia de Hilst nesta seção do livro *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. Ela é constituída e vive através de um interlocutor: “A ideia, Túlio, [...] /Vive através de Ti, por isso brilha”. Hilst cria um personagem e fala pela voz dele a um público também fictício, Dionísio, entretanto, também fala para si porque prefere Dionísio em ausência, por isso, não importa a comunicação entre o eu lírico e o seu interlocutor criado. Logo, é possível ver neste livro, as várias vozes em fluxo contínuo que, aos moldes de Eliot, apresentam-se em Hilst.

Nessa relação, até certo ponto conflituosa, Hilst cria, por meio de seu canto, um eu que performatiza um interlocutor e tematiza o que Celia Pedrosa chama de *endereço*. Desse conceito referenda-se ao poeta uma “distensão identitária do eu e, analogamente, da destinação de seu discurso, associado às problematizações da subjetividade e às transformações na relação entre literatura e público, ambas características da modernidade”. (PEDROSA, 2014, p. 70).

Essa forma de lírica remete à reflexão sobre um campo de junção entre lírica e modernidade, como sugere Emil Staiger, em que esta é vista como recordação, canto, permeado por uma disposição anímica interiorizada e em profundidade de um eu que externa sua sentimentalidade. A lírica assim proposta pode incorrer no risco de ser apenas expressão individualizada do “eu”. O sentimento contido em um discurso poético é expresso no momento em que é exteriorizado para um público que o atualizará no momento da leitura; não se caracteriza unicamente pelo estado estático de um “eu”, e sim por uma interlocução deste “eu” com um “você”. Assim, as emoções, em Hilst, expressam-se pela forma de comunicação com o outro, e só existem pela exteriorização do discurso.

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: HILDA HILST. São Paulo: Instituto Moreira Salles. N. 8, out. 1999.

HILST, Hilda. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Globo, 2003.

PÉCORA, Alcir. Nota do Organizador. In: HILST, Hilda. **Júbilo, memória e noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2003.

DIAS, G. **Poesia e prosa completas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

ELIOT, T. S. **A essência da poesia**. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova S.A., 1972.

PEDROSA, Célia. ALVES, Ida. (Orgs) **Subjetividades em devir. Estudo de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. Poesia, crítica e endereçamento. In: KIFFER, Ana; GARRAMÚNO, Flôrencia. (Orgs.). **Expansões contemporâneas. Literatura e outras formas**. Rio de Janeiro: EdUFMG, 2014. p. 69-89.

SISCAR, Marcos. **Ana Cristina César**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. (Coleção Ciranda da Poesia.).

_____. **Poesia e crise**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturaç o 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020